

SIMONE DE BEAUVOIR. **CAHIER DE L'HERNE**, 2012.

Magda Guadalupe dos Santos*
Sérgio Murilo Rodrigues**

L'Herne Beauvoir



A seção de resenhas da Revista *Sapere Aude* apresenta, neste volume, com grande honra, estudos sobre os textos que compõem o *Cahier de L'Herne*, publicado no final do ano de 2012, divulgado e lançado no início de 2013, em homenagem a Simone de Beauvoir. Sem dúvida, trata-se de uma publicação que se dirige a um público qualificado para reconhecer o que em Simone de Beauvoir sempre foi a sua característica principal, qual seja, sua tarefa de escritora, tal como a define Sylvie Le Bon de Beauvoir. Nesse

* Professora do Departamento de Filosofia da PUC MINAS. Co-Editora da Revista *Sapere Aude*.

** Professor do Departamento de Filosofia da PUC MINAS. Co-Editor da Revista *Sapere Aude*.

Cahier um número bastante vasto de documentos originais, inéditos ou de difícil acesso da autoria de Beauvoir, ainda em sua fase de debutante na escrita literária e filosófica, encontra-se reunido, além de escritos de pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

Trata-se de um conjunto bastante variado em termos de gêneros textuais. Tal como observam seus organizadores, Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone, o conjunto é uma bem sucedida tentativa de dissipar dissensos sobre o teor feminista e filosófico da obra de Simone de Beauvoir, assim como sobre uma impossível situação de rivalidade estabelecida entre seus escritos e os de Sartre. Se os críticos franceses tomavam Beauvoir apenas como uma memorialista e uma romancista, eis que novas perspectivas de leitura colocam em questão molduras éticas e teóricas sob as quais se podem ler atualmente a sua obra. Contudo, também o trabalho de escrita historiográfica, que se anuncia com *A Força da Idade*, obra de memória publicada em 1960, foi esquecido por longos anos na França. Foi preciso que pesquisadores de língua anglo-saxônica, em especial norte-americanos e ingleses, redescobrissem os escritos de Beauvoir, para que um novo olhar sobre a pessoa, a vida e a profunda obra de uma mulher tão interessante pudesse ser novamente reavivado.

Conferências e estudos regularmente propostos tanto pela revista *Simone de Beauvoir Studies*, quanto pela *Simone de Beauvoir Society*, graças aos esforços continuados de Yolanda A. Patterson e Liliane Lazar, assim como de pesquisadores de todos os continentes que se reúnem há vários anos ao seu redor, realçam um *continuum* temporalizado com ecos vindos especialmente dos EUA. Grandes colóquios internacionais na Europa, que agregaram pesquisadores de várias nacionalidades, como *Le Cinquantenaire du Deuxième Sexe* (o Cinquentenário de O Segundo sexo), organizado por Christine Delphy e Sylvie Chaperon em Paris, em 1999, assim como o colóquio *(Re)découvrir l'œuvre de Simone de Beauvoir* ((Re)descobrir a obra de Simone de Beauvoir), organizado por Julia Kristeva também em Paris, em 2008, e o simpósio realizado em Tübingen, *Simone de Beauvoir cent ans après sa naissance* (Simone de Beauvoir cem anos após o seu nascimento), organizado por Thomas Stauder, também em 2008, são provas de uma circulação de perspectivas e interesses sobre sua vida e obra. Não se pode esquecer do contínuo esforço de Sylvie Le Bon de Beauvoir como curadora da obra de Simone de Beauvoir, cuidando de novas edições e traduções.

Os temas abordados no *Cahier de L'Herne* em pauta variam entre estudos sobre os primeiros ensaios literários de Beauvoir e seu diário de juventude (*Les Cahiers de jeunesse*), sua correspondência e, sobretudo, suas obras de memória, que mesclam dialeticamente, na concepção de Ursula Tidd, lembranças pessoais, memória coletiva e história do pós-guerra. Nelas, Beauvoir revela a seus leitores “diferentes versões de uma vida assumida na tormenta da história” (TIDD, 2012, p.241) e pode, com grande convicção, ter a audácia de dizer “eu estive lá”, como observa Cécile Decousu. Esta presença no mundo não se faz apenas de forma histórica, mas também subjetiva, pelo alcance dado à escrita como forma de manifestação da vida. A Filosofia surge como um aporte “necessário, mas não suficiente” face à experiência subjetiva e às questões da vida (DECOUSU, 2012, p.251). A ficção converte-se em um espaço mais adequado de expressão e de comunicação e a simples classificação de gêneros literários mostra-se insuficiente face aos imperativos da escrita. Integrações, interações, ideias e planos dialógicos de abordagem da existência criam modulações variadas de leituras.

Na primeira parte do *Cahier* concentram-se os estudos inaugurais que são organizados, categorizados e analisados por meio de documentos descobertos gradualmente a partir do final dos anos 80 e atualmente em poder de centros de pesquisa. Em 1989, os *Diários de juventude* (*Les Cahiers de jeunesse*) foram sendo adquiridos pela BNF (*Bibliothèque nationale de France*) e, em 2008, alguns manuscritos foram comprados pelo *Musée des Lettres et des Manuscrits de Paris*. Entre os estudos, encontram-se os da autoria de Sylvie Le Bon de Beauvoir, relativos às *Obras de juventude* (*Les œuvres de jeunesse*), e os de Annabelle Martin Golay, acerca dos *Diários de juventude* (*Les Cahiers de jeunesse*). Sobre alguns dos fragmentos ou esboços de romances (*ébauches de roman*) a que Beauvoir se refere em sua primeira obra autobiográfica, *Mémoires d'une jeune fille rangée* (*Memórias de uma moça bem comportada*), publicada em 1958, com a descrição de seus primeiros vinte anos sob rigorosa educação numa típica família burguesa do início do século XX, os textos intitulados “Anne”, “Combat”, “Hélène ou le malentendu” e “Madeleine” formam um conjunto interessante, pertencente, em parte, ao MLM de Paris, desde 2008, e, em parte, à BNF, em cujo acervo se encontra misturado com parte do romance *Départ* (LE BON DE BEAUVOIR, 2012, p. 41).

Segundo Sylvie Le Bon de Beauvoir uma boa quantidade de manuscritos retorna aos arquivos Simone de Beauvoir após passar de mãos em mãos e por “obscuras tribulações” (*en d’obscures tribulations*). Muitas das obras de juventude estavam armazenadas no apartamento de Sartre (*entrepasées chez Sartre*), situado no 4º. andar da Rua Bonaparte, no. 42, o qual foi destruído pelo atentado provocado pela OAS (*L’Organisation de l’armée secrète*), em 1962. Tendo o apartamento ficado aberto e desprotegido por vários dias, os manuscritos e documentos ali guardados reapareceram em vários pontos e em épocas distintas, em Orleans, em Paris, e até mesmo nos EUA, conforme se relata no *Cahier* (LE BON DE BEAUVOIR, 2012, p. 40).

Já das novecentas páginas do *diário íntimo* (*le journal intime*), escritas quase diariamente e cobrindo os anos de 1926 a 1930, ou seja, quando Simone de Beauvoir tinha entre dezoito e vinte e dois anos, surge uma imagem inesperada que desafia o leitor e a própria autora de suas *Memórias* na identificação de suas vulnerabilidades (GOLAY, 2012, p. 72). Tem-se nele o retrato de uma jovem mulher fascinada pela questão literária, o qual se contrapõe à imagem um pouco fria da intelectual dotada de grande racionalidade, que surge ao longo de seus textos. Segundo Annabelle Martin Golay, a jovem Beauvoir “é uma mística da leitura” e os *Diários* nos permitem vislumbrar tanto o nascimento de uma vocação, quanto a sua capacidade singular de não distinguir a vida dos livros e a vida do mundo (*la vie dans les livres et la vie dans le monde*). A literatura não é tomada por ela como uma *técnica*, mas como uma apreensão do mundo, uma “iniciação continuada” (*une initiation continuée*) (GOLAY, 2012, p.73).

As cartas e correspondências são também um tópico interessante no *Cahier*, dispondo-se de várias angulações: a) cartas a amigos, como a Olga Kosackiewicz, a Jacques-Laurent Bost e, especialmente, a Violette Leduc, em que vida e análises literárias se mesclam; b) missivas a intelectuais que com ela nem sempre estavam de acordo, como a dirigida a François Mauriac, dotada de uma polida ironia, assim como cartas recebidas de outrem, tal como a de Jean Cocteau, versando sobre seu estilo e posição teórica; c) cartas recebidas de amigos intelectuais, como Merleau-Ponty, ou de celebridades, como Iris Murdoch, Brigitte Bardot e Claude Chabrol, entre outros; d) a correspondência com Sartre durante as andanças pelos EUA, em 1948, e com Nelson Algren, com cartas inéditas enviadas de Paris, em 1947. A propósito da correspondência com este último é a dimensão

literária que nela parece mais destacada, segundo o entendimento de Catherine Poisson; a literatura é tanto uma construção de si, quanto de si com o outro. E nas cartas com Sartre, o que se percebe é uma relação erótico-literária de dois escritores que se correspondem durante e após a guerra, os quais tanto se inspiram, quanto trocam valores e papéis masculinos e femininos, numa verdadeira experiência de alteridade (POISSON, 2012, p. 119-121).

Além de muitos estudos que propõem perspectivas inovadoras, versando sobre as obras e a vida de Beauvoir, incluindo suas relações, suas leituras e a releitura de suas obras de ficção, merecem destaque os dedicados aos escritos de *Memória*. É na autobiografia, como observam Stemmer, Simonet-Tenant e Roy, que vida, guerra e obra se mesclam na escrita de si, num auto-registro, no qual “a vida se torna efetivamente verdadeira quando pode ser narrada como um romance, lida como um romance” (STEMMER, 2012, p.194/196). O conjunto da obra se transforma então num composto de combinações que exporá as diferentes formas de experiência, e sua vida, tal como a de Penélope, se transfigura numa obra infinita.

Algumas autoras, como Chaperon, Halimi, Shwarzer e Lazar, enfatizam o debate acerca da questão feminista e do direito de defesa das mulheres. Focam o debate nas possíveis analogias com doutrinas e experiências de sua época, bem como nas mudanças temporais assimiladas por Beauvoir e na obra *O Segundo sexo*, constituída como núcleo em torno do qual as diversas políticas feminista são formuladas na França entre os anos 1950 e 1980.

Por sua vez, Daigle, Vintges e Abramovici abordam as contribuições filosóficas de Simone de Beauvoir. Inspirada por grandes nomes como Hegel, Husserl, Heidegger, Bergson, Merleau-Ponty e o próprio Sartre, Beauvoir faz deles uma utilização bem particular e original, permitindo-se pensar a opressão histórica da mulher e, por meio do corpo sexuado, buscado de empréstimo das obras de Merleau-Ponty, explica que a diferença sexual é um elemento essencial a ser considerado na análise fenomenológica (DAIGLE, 2012, p. 307). Sua independência filosófica então se constitui e sua valoração das teorias morais ressaltam o teor de ambiguidade camuflado pela tradição.

O que neste volume de *Sapere Aude* especialmente se apresenta desse magistral *Cahier de L'Herne* são olhares bastante particularizados sobre alguns dos textos nele

publicados. Quisemos reunir, deste outro lado do Atlântico, como uma especial homenagem a Simone de Beauvoir, um conjunto bastante heterogêneo de pesquisas da relação entre filosofia e literatura. Sylvie Le Bon de Beauvoir (Paris, França) muito nos honra com sua participação, no intento de, por um lado, acentuar o valor documental dos textos recolhidos no *Cahier* e, por outro, de converter nossos leitores em bons admiradores da fabulosa obra de Simone de Beauvoir. Erika Ruonakoski (Universidade de Helsinki, Finlândia) ressalta o valor do romance metafísico, em que se mesclam liberdade e intersubjetividade. Do Canadá, Christine Daigle (Brock University) reitera a posição paradigmática de Beauvoir no campo filosófico, realçando sua originalidade e apontando os vários estudos sobre a filósofa nas últimas décadas.

Por sua vez, são vários os olhares brasileiros que se voltam para o *Cahier*. Yasminn Barbosa (FMD- PUCMINAS) investiga o ensaio de Beauvoir, *Le combat féministe: La féminité, un piège...*, publicado pela primeira vez na revista *Vogue*, em 1947, em que a filósofa apresenta “questões temporalizadas e que sempre retornam”, tais como “a relação das mulheres com o feminismo e o modo como estas se veem e se deixam ser caracterizadas diante dos homens”. Barbosa discute ainda as possibilidades interpretativas e valorativas do “eterno feminino”, além de questionar acerca do lugar das mulheres na sociedade, tal como o problematiza Beauvoir. Bárbara Bastos S. Do Nascimento (FMD- PUCMINAS) aborda aspectos da entrevista de Beauvoir com Jeanson, *Sur la différence des sexes*, criticando os significados atribuídos ao sexo feminino. No excerto analisado, Beauvoir faz uma revisão de seus postulados psicológicos, fisiológicos, entre outros, partindo do pressuposto de que “todas as determinações sexistas são fatos culturais que precisam ser questionados, colocados em xeque”, conforme expõe a resenhista. Isabel Bordini (Faculdade de Letras, UFPR) analisa a resenha de Gisèle Halimi, *La figure féministe la plus importante*, indicando a mútua influência de duas intelectuais feministas, assim como a atuação política de Simone de Beauvoir por meio da sua participação e co-fundação, em 1971, da associação *Choisir*, da qual foi a primeira presidente. Bordini nos permite ver a imagem de Beauvoir pelo olhar de Halimi, ao tratar de suas articulações políticas e feministas, com uma percepção mais clara da garantia e legalidade dos direitos das mulheres. Bernardo G. S. Lins Brandão (Faculdade de Letras, UFPR) analisa a relação de Beauvoir com a literatura por meio do texto *Que peut la littérature?*, uma intervenção de

Simone de Beauvoir em um debate organizado pela *Clarté à la Mutualité*, ocorrido em dezembro de 1964, em Paris. Segundo Brandão, a questão que Beauvoir tenta responder é: em uma sociedade na qual “o conhecimento avança rapidamente e as diversas facetas do homem e do mundo são cada vez mais profundamente estudadas, qual a função da literatura?” Paulo Sartori (IFTDJ-PUCMINAS) aborda o texto *Un féminisme exemplaire: la vie éthique de Simone de Beauvoir*, escrito por Karen Vintges, que considera que os conceitos beauvoirianos de “ética vivida” (*éthique vécue*) e de “pessoa livre” (*personne libre*) podem contribuir para a compreensão da dimensão ambígua da existência. Segundo Sartori, Vintges aborda o posicionamento ético de Beauvoir como uma maneira de viver, sugerindo certa “coalisão feminista transcultural” que muito pode fazer pelo movimento emancipatório das mulheres. Thiago Teixeira Santos (FAJE-MG) aborda a resenha de Michel Kail, intitulada *De la féminité à l’humanité*, analisando o recorte metodológico que o autor faz de *O Segundo sexo*, com destaque para as condições nas quais vivem hoje as mulheres e os dilemas conceituais entre essência e existência em face à crença numa natureza feminina. Ao discutirem os textos que compõem a edição de *Cahier*, autoras e autores dão ênfase ao que consideram primordial nas teses propostas por Beauvoir.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de jeunesse. 1926-1930**. Paris: Gallimard, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **La Force de l’âge**. Paris: Gallimard, {1960}1984. Folio

JEANSON, Francis. **Simone de Beauvoir: Ou l’Entreprise de vivre**. Paris: Seuil, 1966/

DELPHY, Christine e CHAPERON, Sylvie. **Le cinquantenaire du Deuxième Sexe**. Paris: Syllepse, 2000.

LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis. **L’Herne. Beauvoir**. Paris: Éditions de L’Herne, 2012.